

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVA, N. R. B. 'Mi de Miguel' e 'À Francesa': uma análise da tradução de jogos de palavras com o auxílio da Linguística de Corpus. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 05, n. 01, p. 60-77, jan./jun. 2018.

'MI DE MIGUEL' E 'À FRANCESA': UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE JOGOS DE PALAVRAS COM O AUXÍLIO DA LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

'MI DE MIGUEL' AND 'À FRANCESA': AN ANALYSIS OF WORDPLAY'S TRANSLATION BASED ON CORPUS LINGUISTICS

Nilson Roberto Barros da Silva¹⁶

RESUMO: Este trabalho discute a tradução de jogos de palavras (JPs) na direção português-inglês, mais especificamente os JPs 'Mi de Miguel' e 'À francesa', que fazem parte do romance 'O xangô de Baker Street' (SOARES, 1995). O artigo é o recorte de nossa tese de doutorado, e tem como objetivo analisar a tradução dos JPs citados para a língua inglesa. O estudo utiliza a abordagem teórico-metodológica da Linguística de *Corpus* (LC) para selecionar os JPs como dados a serem analisados na pesquisa e se identifica como um estudo direcionado pelo *corpus* (TOGNINI-BONELLI, 2001). A análise baseia-se nas estratégias de tradução de JPs apresentadas por Delabastita (1996) e, como resultado, verifica que as estratégias de tradução usadas para recriar (traduzir) os JPs em inglês são compatíveis com a estratégia JP → JP, em que um JP é traduzido por outro na língua de chegada, sendo permitidas diferenças em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Jogos de palavras. Linguística de *Corpus*.

ABSTRACT: This paper discusses the translation of wordplays (JPs) in the Portuguese-English direction, more specifically the JPs 'Mi de Miguel' and 'À francesa', which are part of the novel 'O xangô de Baker Street' (SOARES, 1995). The article derives from our doctoral thesis, and aims to analyze the translation of the JPs cited in the English language. The study uses the theoretical-methodological approach of Corpus Linguistics (CL) to select the JPs as data to be analyzed in the research and it is classified as corpus driven (TOGNINI-BONELLI, 2001). The analysis is based on the JP translation strategies presented by Delabastita (1996) and, as a result, it verifies that the translation strategies used to re-create the JPs in English are compatible with the JP → JP strategy, in which a JP is translated by

¹⁶ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras, da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: nilsonbarros@uern.br.

another in the target language, being allowed differences in terms of formal structure, semantic structure, or textual function.

KEYWORDS: Translation. Wordplays. Corpus Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A investigação da qual decorre este artigo parte da constatação de que há uma quantidade pouco expressiva de estudos envolvendo a análise da tradução de JPs, especialmente na direção português-inglês. Por essa razão, considerando a quantidade significativa de JPs no romance 'O xangô de Baker Street' (SOARES, 1995), este trabalho tem como objetivo geral analisar as estratégias usadas pelo tradutor para reconstruir os JPs 'Mi de Miguel' e 'À francesa' na língua inglesa. O estudo utiliza, para tanto, a LC como abordagem de pesquisa linguística.

Um aspecto importante dos JPs é que esse tipo de texto normalmente envolve humor (CHIARO, 1992), e, possivelmente em razão disso, pode ser observado em situações diversas de comunicação, como em conversas informais, palestras, exposições em salas de aula; jornais e revistas, entre outros. Trata-se, portanto, de um tipo de texto presente no cotidiano das pessoas e, sendo uma manifestação da língua, não poderia passar despercebida dos estudos que envolvem a linguagem.

Beckett (1957, *apud* DELABASTITA, 1996, p. 127), faz um gracejo envolvendo a questão dos JPs com uma passagem bíblica do Gênesis (Antigo Testamento): “no princípio havia o jogo de palavras”¹⁷. Ao comentar a citação, Delabastita (1996) propõe que os JPs são inerentes à própria linguagem e, portanto, “naturais à mente humana”¹⁸, o que sugere que os JPs vinculam-se à estrutura das línguas.

¹⁷ São de nossa autoria todas as traduções neste artigo, salvo quando especificado. No original: “[...] *in the beginning was the pun [...]*”.

¹⁸ No original: “[...] *natural to the human mind*”.

Se a proposição de Delabastita (1996) está correta, e se de fato, os JPs representam a manifestação linguística de um fenômeno que diz respeito ao processamento da linguagem humana, então, o fato em si é motivo para que esse tipo de texto tenha um lugar nos estudos linguísticos.

O autor vai além e propõe uma reflexão acerca dos JPs e de sua tradução para outras línguas, tema central a esta pesquisa. A questão posta por Delabastita (1996) é: se, de fato, os efeitos e os sentidos nos JPs relacionam-se diretamente à estrutura da língua em que são produzidos, então, como fazer para que esses efeitos e sentidos funcionem em outra língua? É sobre essa questão que este trabalho pretende refletir. Portanto, com vistas a atingir seu objetivo principal, que é analisar o tratamento dado pelo tradutor aos JPs 'Mi de Miguel' e 'À francesa', o estudo apresenta um objetivo específico, qual seja, verificar se as estratégias empregadas na tradução dos JPs são capazes de recriar seus efeitos e sentidos na língua-alvo. Esse objetivo baseia-se na hipótese de que não é possível garantir, em todos os casos de tradução de JPs, que os seus efeitos e sentidos funcionem igualmente na língua-alvo.

2 A TRADUÇÃO DE JPS

Este trabalho adota a definição de JP apresentada por Delabastita (1996), para quem, de modo geral, JPs são fenômenos textuais em que características estruturais das línguas são exploradas com o objetivo de gerar um confronto comunicativo de estruturas linguísticas com formas mais ou menos semelhantes e sentidos mais ou menos diferentes.

Ao discutir a tradução de JPs, Delabastita (1996) traz à tona uma questão central a esta pesquisa: a própria traduzibilidade dos JPs. Além disso, discute aspectos teóricos subjacentes à tradução de JPs e à tradução de qualquer tipo de texto, como a proposição de que a ideia de traduzibilidade está sempre atrelada à visão de tradução de cada indivíduo. É o que se verifica na citação a seguir:

Na verdade, há muito mais em questão do que a simples pergunta: *jogos de palavras são traduzíveis?* Para começar, qualquer resposta a essa questão tende a ser teoricamente tendenciosa na medida em que vai depender do tipo de tradução que se tem em mente (em termos de tipos e graus de equivalência, bem como de gêneros e situações comunicativas), mas também da própria posição do falante em face à atividade de tradução (se a pessoa está falando como um professor de tradução, como um tradutor profissional, um crítico, um teórico, um historiador, um filósofo da linguagem) ¹⁹ (DELABASTITA, 1996, p. 127, grifo do autor).

A tradução de JPs, assim como a tradução de enunciados humorísticos em geral, nas suas mais diversas formas de manifestação, tem sido objeto de debates (às vezes de controvérsias) tanto no âmbito dos estudos da tradução quanto fora dele. Nessas circunstâncias, ressalta-se a pertinência da discussão apresentada por Delabastita (1996), na citação acima. Não se trata de uma simples questão de possibilidade ou impossibilidade de traduzir. Como afirma o autor, há bem mais em jogo, os resultados, as estratégias e a própria realização, não apenas da tradução de JPs, mas também de poesia ou de humor em geral, entre outros, encontram-se intimamente relacionados àquilo que se julga ser 'tradução'.

É tendenciosa qualquer afirmação acerca da traduzibilidade de JPs, assim como é tendenciosa qualquer afirmação acerca da traduzibilidade de outros tipos de textos, inclusive daqueles que, aparentemente, não apresentam grandes desafios ao tradutor, como a maioria dos textos jornalísticos, cartas etc. Isso porque a tradução ocorre na língua, e essa não é um objeto de contornos bem definidos, como assinala Arrojo (2002).

Para estudiosos como Katharina Reiss e Hans Vermeer (1996), a tradução de qualquer tipo de texto, inclusive de JPs, baseia-se na função que desempenhará o texto traduzido. De modo geral, a ideia é que o texto traduzido funcione tão bem quanto o texto 'original'. Para esses autores, questões como a transferência vs.

¹⁹ No original: "There is indeed a lot more at stake than just the question **is wordplay translatable?** For a start, any answer that this question may prompt is bound to be theoretically biased insofar as it will depend on the type of translation one has in mind (in terms of kinds and degrees of equivalence, as well as of genres and communicative situations), but also on the speaker's own position vis-à-vis the actual business of translation (whether one is speaking as a teacher of translation, as a practitioner, a critic, a theorist, a historian, a philosopher of language)".

reconstrução dos sentidos, ou fidelidade vs. liberdade encontram-se em segundo plano.

A propósito de tradução e de JP, Redfern (1997, p. 264) postula que a atividade de tradução em si, independentemente do tipo de texto, envolve o “lidar com jogos de palavras”²⁰. Implica (por parte do tradutor) ter o que chama de *punning mind*, isto é, uma mente que seja aberta a grande número de associações e que as realize de forma rápida.

Para Toury (1997), que discute a questão da traduzibilidade de *spoonerismos*, em primeiro lugar, e de JPs, por extensão, traduzibilidade relaciona-se principalmente a questões de aceitabilidade. Ou seja, o *status* do gênero textual na comunidade cultural onde está inserido é decisivo para que seja aceito como texto, traduzido ou não. Por outro lado, Toury (1997) ressalta que a noção de traduzibilidade de textos em geral tem sido tratada como uma ideia de gradação. Em outras palavras, tradução e traduzibilidade não são aspectos estanques que simplesmente se realizam ou não, mas que se realizam até certo ponto.

Este trabalho se baseia no quadro de estratégias de tradução de JPs apresentado por Delabastita (1996), para quem oito estratégias encontram-se à disposição do tradutor de JPs, conforme modelo a seguir. Em virtude da limitação de espaço não serão apresentados exemplos nem comentários das estratégias.

1. **JP → JP**: o JP do texto-fonte é traduzido por um JP da língua-alvo, que pode diferir do JP original, em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.

2. **JP → não JP**: o JP é traduzido por uma frase em que não há JP. A frase pode preservar seus dois sentidos, mas em um texto em que não há JP, ou selecionar um dos sentidos em detrimento do outro. Pode também ocorrer que ambos os componentes do JP sejam traduzidos de forma completamente diferente do original.

²⁰ No original: “[...] coping with puns, [...]”.

3. **JP → RRR (Recurso Retórico Relacionado)**: o JP é substituído por um recurso retórico a ele relacionado, como repetição, aliteração, rima, referências diversas, ironia, paradoxo etc., que têm como objetivo recapturar o efeito do JP do texto-fonte.

4. **JP → zero**: o trecho que contém o JP é simplesmente omitido no texto traduzido.

5. **JP TF = JP TT**: o tradutor reproduz o JP do texto-fonte e, na medida do possível, seu contexto imediato, na forma original, sem, de fato, traduzi-lo. Em outras palavras, o JP original é transcrito no texto traduzido.

6. **Não JP → JP**: o tradutor insere um JP em partes do texto em que não há JP no original. Esse procedimento ocorre principalmente como forma de compensação, cujo objetivo é contrabalançar a perda de JPs no texto traduzido.

7. **Zero → JP**: o tradutor adiciona material textual totalmente novo contendo JP, sem justificativa aparente no texto-fonte. A estratégia é utilizada especialmente como um recurso compensatório.

8. **Técnicas Editoriais**: notas de rodapé ou de fim de documento, comentários em prefácios e posfácios, notas do tradutor, apresentação de soluções diferentes e/ou complementares para o mesmo problema do texto-fonte etc.

Embora apenas uma estratégia seja efetivamente usada na análise dos JPs constantes deste artigo, a estratégia $JP \rightarrow JP$, as oito foram apresentadas, com vistas a fornecer uma visão geral da proposta de Delabastita (1996). Até este ponto, foram discutidos aspectos da tradução em si e da tradução de JPs especificamente, na seção a seguir, discute-se a interface entre tradução e Linguística de *Corpus*.

3 SOBRE LC E TRADUÇÃO

Bowker e Pearson (2002, p. 9) definem a LC como

[...] uma abordagem ou metodologia para o estudo do uso da língua. Trata-se de uma abordagem empírica que envolve o estudo de exemplos do que as pessoas de fato dizem, em vez de criar hipóteses sobre o que elas poderiam ou deveriam dizer. A Linguística de *Corpus* também faz uso extensivo da tecnologia

computacional, o que significa que os dados podem ser manipulados de uma forma que seria simplesmente impossível quando se lida com material impresso ²¹.

Um aspecto central da LC diz respeito à própria noção de *corpus* (VIANA, 2010). Ao afirmar que “havia *corpora* antes do computador”, Berber Sardinha (2004, p. 3) refere-se ao fato de que a palavra latina *corpus* (plural *corpora*) designa um ‘corpo’ ou conjunto de documentos como, por exemplo, uma coletânea de textos jornalísticos, de frases engraçadas, de citações da Bíblia, e assim por diante (Cf. também ZANETTIN, 2012). Nessa perspectiva, as pesquisas linguísticas que envolviam ou envolvem a análise desses materiais, ou outros do tipo, podem ser consideradas como sendo baseadas em *corpus*.

Entretanto, com o surgimento, em 1964, do *Brown University Standard Corpus of Present-day American English*, o primeiro *corpus* eletrônico, e, mais tarde, com a popularização dos microcomputadores, a partir da década de 1980 (ZANETTIN, 2012; BERBER SARDINHA, 2004), a ideia de *corpus* linguístico em formato eletrônico ganha força e auxilia no desenvolvimento da LC como abordagem de pesquisa linguística. Pode-se afirmar que a LC, como se conhece hoje, nasce e se desenvolve juntamente com a noção de *corpus* computadorizado. Por essa razão, se, para as mais diversas áreas que se dedicam à pesquisa linguística, a palavra *corpus* representa um conjunto de dados em geral, para a LC um *corpus* existe “necessariamente em formato eletrônico” (TAGNIN, 2013, p. 29).

A partir da década de 1970, principalmente, e com o amadurecimento das discussões envolvendo os estudos da tradução e o seu consequente reconhecimento internacional (VENUTI, 2000) como disciplina independente, a tradução vem se firmando e ganhando espaço na academia.

Com os novos tempos, novos desafios somam-se às questões tradicionais. Isso aponta para a tradução como uma área em pleno desenvolvimento, com

²¹ No original: “An approach or a methodology for studying language use. It is an empirical approach that involves studying examples of what people have actually said, rather than hypothesizing about what they might or should say. [...] Corpus Linguistics also makes extensive use of computer technology, which means that data can be manipulated in ways that are simply not possible when dealing with printed matter”.

questões 'essenciais' clássicas, e também questões atuais, a serem resolvidas com o auxílio de recursos materiais modernos e concepções teóricas novas.

Uma das questões que podem ser consideradas recentes nos estudos da tradução diz respeito à existência de características materiais do texto traduzido que são próprias desse tipo de texto. Ou seja, há evidências de que o texto traduzido apresenta características próprias, que o distinguem de textos originais, como, por exemplo, a 'simplificação' (BAKER, 1993). Segundo essa ideia, o texto traduzido tende a ser mais simples que o original, apresentando sentenças mais curtas e linguagem menos variada do ponto de vista lexical, como forma de facilitação da leitura.

É importante observar que a investigação linguística como um todo tem registrado ganhos inequívocos com o desenvolvimento da LC, que propiciou à área dos estudos de tradução um ferramental novo e abordagens também novas para os estudos da linguagem. É acerca da contribuição da LC aos estudos da tradução que se discute, a partir deste ponto.

Se já havia *corpus* antes do computador (BERBER SARDINHA, 2004), conforme apontado anteriormente, também já havia *corpus* paralelo, ou seja, aquele que consiste de um conjunto de textos em uma língua e suas respectivas traduções em uma ou mais línguas (KENNING, 2012). Portanto, o uso de *corpus* (no sentido amplo de coleção de material para pesquisa) entre os tradutores não é novidade. Kübler e Aston (2012, p. 502), por exemplo, afirmam que existe entre esses profissionais “uma longa tradição do uso de ‘textos paralelos’ [...]”²². É importante ressaltar que, embora os autores refiram-se a ‘textos paralelos’, na verdade estão falando de textos ‘comparáveis’, já que, segundo os próprios autores, essas coletâneas são “textos semelhantes, em domínio e/ou gênero ao texto-fonte e/ou texto-alvo”²³ (WILLIAMS, 1996).

Observa-se, no entanto, que a consulta a essas coletâneas de textos (antes do surgimento dos computadores e, portanto, em formato não eletrônico)

²²No original: “[...] a long tradition of using ‘parallel texts’ [...]”.

²³No original: “[...] collections of texts similar in domain and/or genre to the source and/or target text [...]”.

demandava tempo e um grande volume de trabalho por parte do tradutor. Esse trabalho era ainda maior no caso de consultas aos textos comparáveis, com a finalidade de extrair informações relevantes à tradução, como, por exemplo, o levantamento de termos típicos de um domínio para a confecção de glossário a ser usado em trabalhos de tradução. Desse modo, uma das vantagens da utilização de *corpora* eletrônicos na tradução é justamente a possibilidade da consulta rápida e eficaz a uma grande quantidade de textos, com o auxílio de ferramentas computacionais desenvolvidas especialmente para esse fim.

Com a popularização dos microcomputadores e o desenvolvimento de ferramentas computacionais criadas especialmente para a exploração de *corpora* eletrônicos, os estudos da tradução passaram a contar com um novo paradigma de pesquisa, os estudos da tradução baseados em *corpus*. Para Tymoczko (1998), os estudos da tradução baseados em *corpus* (*corpus translation studies* - CTS) promovem mudanças qualitativas e quantitativas tanto nos conteúdos quanto nos métodos da disciplina estudos da tradução. Uma das pioneiras a vincular a LC aos estudos da tradução foi Mona Baker, em seu trabalho *Corpus Linguistics and translation studies: implications and applications* (BAKER, 1993). Ressalta-se, portanto, a congruência entre tradução e LC, razão pela qual este trabalho utiliza a última como abordagem de pesquisa, conforme se observa na seção a seguir.

5 METODOLOGIA

As pesquisas linguísticas que utilizam a LC como abordagem ou metodologia dividem-se em dois grandes grupos principais, são os chamados 'estudos baseados em *corpus*' (*corpus-based*) e os 'estudos direcionados pelo *corpus*' (*corpus-driven*). Tognini-Bonelli (2001) faz uma distinção bastante didática com o intuito de caracterizá-los. Para a autora, embora todas as pesquisas linguísticas que se baseiem em um *corpus* possam ser consideradas como 'estudos baseados em *corpus*', do ponto de vista metodológico ela propõe a seguinte divisão: 'estudos baseados em *corpus*' (*corpus-based*) são aqueles em que o pesquisador utiliza o

corpus com o objetivo principal de testar e explicar suas hipóteses. Já no ‘estudo direcionado pelo *corpus*’ (*corpus-driven*), o pesquisador não parte, necessariamente, de hipóteses previamente formuladas, é a observação dos dados que deve propiciar evidências para a sua formulação (BAKER, HARDIE e McENERY, 2006).

Embora essa não seja uma divisão consensual entre os estudiosos da área e se admita a pertinência da afirmação de McENERY e Hardie (2012, p. 150), para quem “essa distinção, na prática é um pouco mais fluida”²⁴, a pesquisa da qual este artigo é um recorte, adota a classificação de Tognini-Bonelli (2001) e se identifica principalmente como um ‘estudo direcionado pelo *corpus*’. Isso por considerar que os dados analisados não foram escolhidos previamente, ou seja, antes da elaboração do *corpus*, mas foram selecionados a partir de padrões evidenciados pelo próprio *corpus*.

Para se chegar à análise de JPs do romance ‘O xangô de Baker Street’ (SOARES, 1995), realizou-se a exploração da lista de palavras-chave do *corpus*, bem como a análise de linhas de concordância geradas a partir das palavras-chave. A lista de palavras-chave e as linhas de concordância foram geradas com o auxílio da ferramenta computacional *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012), especialmente desenvolvida para análise lexical no âmbito da LC. Dessa forma, portanto, chegou-se aos JPs ‘Mi de Miguel’ e ‘À francesa’, cuja análise realizar-se-á na seção a seguir.

6 ANÁLISE DA TRADUÇÃO DOS JPS ‘MI DE MIGUEL’ E ‘À FRANCESA’

Nesta parte do trabalho são discutidas as estratégias usadas na elaboração dos JPs originais por Soares (1995), bem como as estratégias de tradução adotadas por Clifford Landers para reconstruí-los na língua inglesa, em 1997.

²⁴ No original: “[...] this distinction is slightly more fluid in practice [...]”.

6.1 Mi de Miguel

PO	Eufórico, ele soletra aos ventos, na solidão da madrugada: MI, de Miguel, SOL de Solera, LA de Lara, RÉ, de Recanto de Afrodite, o nome da livraria, um toque de gênio.
IT	In his euphoria he spells to the winds, in the solitude of early morning: mi for Miguel, sol for Solera, la for Lara, re for Aphrodite's Retreat, the name of the bookstore, a stroke of genius.

Esse JP é pronunciado por Miguel Solera de Lara, nas partes finais do romance ‘O xangô de Baker Street’, após haver concluído uma série de assassinatos em terras brasileiras. Na ocasião, Miguel encontra-se sobre o *deck* superior do *Kaikoura*, navio transatlântico que o transporta para a Inglaterra, país de sua grande afeição, onde passará a residir.

Miguel despreza a pouca capacidade de investigação de Sherlock Holmes, conforme atesta Soares (1995, p. 341): “Pensa com desprezo no estrangeiro que não conseguira ler os sinais, tão evidentes, da sua trilha sanguinária”. E fala consigo mesmo a respeito de uma das pistas mais importantes por ele deixadas de propósito, envolvendo quatro notas musicais. Presentes ao mesmo tempo nas cordas de violino (Mi, Sol, La e Ré) colocadas junto aos corpos de suas vítimas, e nas iniciais de seu nome (Mi, Sol e La), bem como na inicial do nome de sua livraria, Recanto de Afrodite (Ré), Miguel acreditava que as notas musicais poderiam ser uma grande pista, capaz de levar até ele o detetive Sherlock Holmes, mesmo sabendo que na Inglaterra, as notas musicais são designadas apenas por letras (C, D, E, F, G, A, B) (SOARES, 1995).

Os elementos usados na construção do JP são: 1) os nomes da primeira, segunda e terceira cordas de violino, cujas notas musicais são, respectivamente, Mi, Sol e La. Esses elementos também correspondem, conforme indicado anteriormente, às iniciais do nome de Miguel Solera de Lara; 2) o nome da quarta corda do violino, que corresponde à nota musical Ré e representa a sílaba inicial do nome da livraria Recanto de Afrodite, pertencente a Miguel. Assim, tem-se o JP em

português, que é 'MI, de Miguel, SOL de Solera, LA de Lara, RÉ, de Recanto de Afrodite'.

Quanto à tradução para o inglês, observa-se que o tradutor reconstrói o original sentido a sentido, um padrão recorrente nas suas escolhas tradutórias. Assim, a primeira parte do trecho, ou seja, tudo o que vem antes dos dois pontos, é integralmente traduzido, levando-se em conta, obviamente, alterações relacionadas aos sistemas linguísticos. Desse modo, a tradução de 'Eufórico, ele soeitra aos ventos, na solidão da madrugada' é apresentada em inglês como '*In his euphoria he spells to the winds, in the solitude of early morning*'.

A segunda parte do trecho, na qual se inserem os elementos do JP propriamente dito, é traduzida levando-se em conta os aspectos utilizados na elaboração do JP em português. Sendo assim, a parte (1) 'MI, de Miguel, SOL de Solera, LA de Lara, RÉ, de Recanto de Afrodite, o nome da livraria, um toque de gênio' traduz-se por (1) '*mi for Miguel, sol for Solera, la for Lara, re for Aphrodite's Retreat, the name of the bookstore, a stroke of genius*'.

6.2 À francesa

PO	<p>- Antes que alguém pudesse ajudá-la, ergueu-se agilmente, deixando o guardanapo cair ao chão. Saiu da sala, de estômago cheio mas leve como uma pluma, em direção à escada que levava aos seus aposentos.</p> <p>Alberto Fazelli recolheu o guardanapo, cheirou o pano como se fosse o lenço de rendas da mulher amada e sentenciou profundamente:</p> <p>- Isto é o que se chama sair à francesa.</p>
IT	<p><i>Before anyone could help her, she stood up nimbly, allowing her napkin to fall to the floor. She left the room, light as a feather despite a full stomach, heading toward the stairs that led to her quarters.</i></p> <p><i>Alberto Fazelli picked up the napkin, sniffed the cloth as if it were the lace handkerchief of his beloved, and declared profoundly, "That is what is known as taking French leave."</i></p>

O JP 'À francesa' é pronunciado pelo personagem Alberto Fazelli, presente ao jantar de recepção à atriz francesa Sarah Bernhardt. Em sua primeira noite no Brasil, após o espetáculo de estreia no Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, Sarah participa do jantar oferecido em sua homenagem no Grande Hotel, Rio de Janeiro. Nessa ocasião, ao final do jantar, Fazelli recolhe e cheira apaixonadamente o guardanapo que a atriz deixa cair, provavelmente sem perceber.

Ao referir-se à saída rápida e inesperada da atriz, logo após o término de sua refeição, o personagem Alberto Fazelli pronuncia o JP em análise, que envolve a expressão conhecida 'sair à francesa'. Somente a título de ilustração, observa-se que a expressão citada consta no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) com uma frequência de seis ocorrências.

Considera-se que há um JP no trecho selecionado, não em virtude da expressão 'sair à francesa' apenas, mas pelo registro do jogo de sentidos na interação, uma vez que a expressão 'sair à francesa', pronunciada pelo personagem Fazelli, refere-se à atriz francesa, Sarah Bernhardt, homenageada com o jantar.

Conforme aponta Delabastita (1996), os JPs baseados em polissemia podem ser traduzidos sem grandes perdas mesmo entre línguas consideradas historicamente como não relacionadas, já que de alguma forma a polissemia está calcada em uma realidade extralinguística. Note-se que o JP 'Sair à francesa' é construído com base em jogos de sentido, ou nos termos do que propõe Delabastita (1996), baseia-se na polissemia. Desse modo, a parte do trecho que se destina a contextualizar a situação em que se dá o JP é traduzida considerando-se a sua recuperação semântica. Já a parte que aqui se entende como o JP em si, ou seja, a expressão 'sair à francesa', é traduzida literalmente, porquanto a sua forma em inglês também constitui uma expressão conhecida, '*take French leave*'.

O COCA - *Corpus of Contemporary American English* (DAVIES, 2008), registra frequência de três ocorrências da expressão '*take French leave*', enquanto o BNC - *British National Corpus*, registra sete ocorrências. Dessas, cinco ocorrências possuem o sentido indicado no JP. As outras duas trazem apenas a forma '*French leave*' e não '*take French leave*'. Dessas, uma apresenta sentido relacionado ao que

parece ser guerra, batalha ou algo do gênero: “*Aaron, Benstede's body-servant, appeared as if from nowhere and both he and his master moved away as Corbett turned to see the French leave, de Craon still smirking*” (BRITISH NATIONAL CORPUS)²⁵. O fato de o BNC não disponibilizar o acesso a outras partes do texto dificulta a compreensão do sentido e, obviamente, a tradução de algumas ocorrências, como é o caso desta.

A segunda das duas ocorrências de ‘*take French leave*’ no BNC que não têm o sentido de ‘sair à francesa’ aparece em uma sequência de palavras semelhante a uma lista de nomes de instituições ou algo do tipo: “*Woodlands Retired Men's Fellowship meeting, French Leave, Alan Warwick, Woodlands Methodist Church, Wetherby Road, Harrogate, 2pm*” (BRITISH NATIONAL CORPUS)²⁶.

A primeira parte do JP, ou seja, as duas primeiras sentenças, é traduzida literalmente. A última parte do trecho (‘Isto é o que se chama sair à francesa’) refere-se à atriz Sarah Bernhardt. A tradução para o inglês substitui o verbo ‘chamar’ por *know* (conhecer), escolha feita, possivelmente, com o objetivo de tornar o texto mais ‘convencional’ (TAGNIN, 2013) na língua-alvo. Assim, tem-se em inglês ‘*That is what is known as taking French leave*’.

A polissemia em que se baseia o JP reside particularmente na palavra ‘francesa’. Por um lado, a palavra faz parte da expressão ‘sair à francesa’, isto é, sair sorratamente, como se diz dos franceses. Por outro, a palavra fora da expressão refere-se à nacionalidade de quem nasceu na França, ao idioma etc. daquele país.

No JP, a ambiguidade está ancorada no fato de que a palavra ‘francesa’ pode ser entendida como uma parte integrante da expressão ‘sair à francesa’, que é o sentido mais comum, mas também pode ser entendida como um substantivo. Por exemplo, se se retirar a crase da expressão ‘sair à francesa’ e se admitir uma elipse,

²⁵ “Aaron, servo de Benstede, apareceu como que do nada e tanto ele como seu mestre, se afastaram dali porque Corbett retornava para ver a retirada dos franceses, de Craon ainda rindo.”

²⁶ “Encontro da Woodlands Retired Men's Fellowship, French Leave, Alan Warwick, Igreja Metodista de Woodlands, Wetherby Road, Harrogate, 2 da tarde”.

a frase torna-se 'sair a francesa', isto é, 'sair a [atriz/mulher] francesa [Sarah Bernhardt]. A ordem das palavras na frase não é a mais comum, mas é possível, principalmente quando há intenção humorística. Como a expressão também existe em inglês (*French leave*), verifica-se a polissemia também na língua inglesa, ao se comparar a expressão com a palavra *French* (francês), utilizada para designar pessoa ou idioma, por exemplo, da França. É justamente a existência da referida expressão na língua inglesa que permite a tradução de modo tão literal, mantendo-se o JP praticamente inalterado na língua-alvo.

O jogo de sentidos presente no JP relaciona-o ao que Delabastita (1996) classifica como homonímia, isto é, uma palavra/estrutura (no caso, 'francesa') apresenta som e grafia idênticos e sentidos diferentes.

Face ao exposto, a tradução do JP 'À francesa' ilustra a afirmação de Delabastita (1996), que considera os JPs baseados na polissemia como possíveis de se traduzir sem perdas significativas, inclusive entre línguas não aparentadas, como é o caso do par linguístico português-inglês.

Observa-se ainda que tanto o JP 'À francesa' quanto o JP 'Mi de Miguel', discutido anteriormente, são traduzidos por meio de estratégia classificada por Delabastita (1996) como JP → JP, em que o JP do texto-fonte é traduzido por um JP da língua-alvo, que pode diferir do JP original, em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.

7 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo principal analisar o tratamento dado pelo tradutor aos JPs 'Mi de Miguel' e 'À francesa', presentes no romance 'O xangô de Baker Street', e apresentou um objetivo específico: verificar se as estratégias empregadas na tradução do JP seriam capazes de recriar seus efeitos e sentidos na língua-alvo.

Ao final do estudo foi possível verificar que as estratégias usadas na recriação dos JPs na língua inglesa são compatíveis com o que Delabastita (1996)

classifica como JP → JP, em que o JP original é traduzido por um JP da língua-alvo, podendo apresentar diferenças em termos de estrutura formal, estrutura semântica, ou função textual.

Observa-se também que as estratégias usadas pelo tradutor permitiram reconstruir o efeito de humor na língua-alvo, e, em grande parte, os sentidos presentes no JP original, isso porque tanto o JP 'Mi de Miguel' quanto o JP 'À francesa' baseiam-se em aspectos polissêmicos (ambiguidade, por exemplo) e não em aspectos linguísticos, como os trocadilhos, spoonerismos etc. Desse modo, embora acreditemos na ideia de que não é possível garantir em todos os casos de tradução de JPs que seus efeitos e sentidos funcionem igualmente na língua-alvo, nos casos dos JPs analisados neste estudo, tanto os efeitos quanto os sentidos presentes nos textos da língua de partida funcionaram da forma bastante efetiva na língua-alvo.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BAKER, Mona. Corpus Linguistics and translation studies: Implications and applications. In: BAKER, Mona; FRANCIS, G; TOGNINI-BONELLI, Elena (Eds). **Text and technology** – In honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 233-250.

BAKER, Paul; HARDIE, Andrew; McENERY, Tony. **A Glossary of Corpus Linguistics**. Edinburg: Edinburg University Press, 2006.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BOWKER, Lynne; PEARSON, Jennifer. **Working with Specialized Language: a practical guide to using corpora**. London: Routledge, 2002.

CHIARO, Delia. **The language of jokes: analyzing verbal play**. London: Routledge, 1992.

DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English - 450 million words, 1990-present**. 2008. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 28 de julho de 2012.

DELABASTITA, Dirk (Introduction). **The translator**: studies in intercultural communication – Wordplay & Translation. Vol. 2. N. 2. Manchester: St. Jerome Publishing, 1996.

KENNING, Marie-Madeleine. What are parallel and comparable corpora and how can we use them? In: O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 487-500.

KÜBLER, Natalie; ASTON, Guy. Using corpora in translation. In: O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael (Eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Oxon: Routledge, 2012, p. 501-515.

McENERY, Tony; HARDIE, Andrew. **Corpus Linguistics: method, theory and practice**. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

REDFERN, Walter. Traduction, Puns, Clichés, Plagiat. In: DELABASTITA, Dirk (Ed.). **Traductio**. Essays on punning and translation. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997, p. 261-269.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

SCOTT, Mike. **Wordsmith Tools 6.0**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SOARES, Jô. **O xangô de Baker Street**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **O jeito que a gente diz**: combinações consagradas em inglês e português. São Paulo: Disal Editora, 2013.

TOGNINI-BONELLI, Elena. **Corpus Linguistics at work**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOURY, Gideon. What Is It That Renders a Spoonerism (Un)translatable?. In: DELABASTITA, Dirk (Ed.). **Traductio**. Essays on punning and translation. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997, p. 271-291.

TYMOCZKO, Maria. Computerized corpora and the future of Translation Studies. In: **Meta** - Translators' Journal, Vol. 43, n° 4, 1998, p. 652-660. Disponível em: <<http://nelson.cen.umontreal.ca/revue/meta/1998/v43/n4/004515ar.pdf>>. Acesso em: 09 de outubro de 2014.

VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2000.

VIANA, Vander. Linguística de Corpus: conceitos, técnicas e análises. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. (Org.). **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Hub Editorial, 2010, p. 25-95.

WILLIAMS, Ian. A translator's Reference Needs: Dictionaries or Parallel Texts. In: **Target** - International Journal of Translation Studies. Vol. 8, 1996, p. 275-299. Disponível em: <<http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/target.8.2.05wil>>. Acesso em: 04 de setembro de 2012.

ZANETTIN, Federico. **Translation-driven corpora**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2012.